

Os primeiros contatos com arte: recordações dos estudantes de Pedagogia

The first contacts with art: memories of students of Pedagogy

ESTELA MARIA OLIVEIRA BONCI*
& MIRIAN CELESTE FERREIRA DIAS MARTINS**

Artigo submetido a 26 de abril 2017 e aprovado a 29 de maio 2017.

*Universidade Presbiteriana Mackenzie, Centro de Educação, Filosofia e Teologia (CEFT), Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura. Rua da Consolação, 930 — Consolação CEP 01302-907 São Paulo — SP, Brasil. E-mail: estelabonci@hotmail.com

**Universidade Presbiteriana Mackenzie, Centro de Educação, Filosofia e Teologia (CEFT), Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura. Rua da Consolação, 930 CEP 01302-907 São Paulo — Brasil. E-mail: mcmart@uol.com.br

Resumo: Recordações das experiências vividas no primeiro contato com a arte e suas múltiplas linguagens são retratadas por desenhos e palavras em uma ação propositora, pelos estudantes do curso de graduação em Pedagogia de Instituição de Ensino Superior na cidade de São Paulo/Brasil. Refletimos sobre as possíveis marcas que os estudantes trazem ao ingressarem na graduação e seus primeiros mediadores no contato com a arte como potências para o exercício da docência, contribuindo de alguma forma com a formação cultural/artística dos estudantes.

Palavras-chave: estudantes de Pedagogia / primeiro contato com a arte / primeiros mediadores / formação cultural/artística.

Abstract: *Recollections of the experiences lived in the first contact with art and its multiple languages are portrayed by drawings and words in a proposed action by the students of the undergraduate course in Pedagogy of Institution of Higher Education in the city of São Paulo / Brazil. We reflect on the possible brands that students bring upon entering undergraduate and their first mediators in the contact with art as potentials for teaching, contributing in some way to the cultural / artistic formation of the students.*

Keywords: *students of Pedagogy / first contact with art / first mediators / cultural/artistic formation.*

Primeiros contatos com a arte

Sofia Leitão, jovem artista portuguesa, trouxe para a exposição *Portugal Portugueses — Arte Contemporânea* em 2016 no Museu Afro Brasil/São Paulo/Brasil, uma de suas obras da série “*Matéria do Esquecimento*”, produzidas com lantejoulas, alfinetes de aço, espuma, arame e tecido napa preta, entre outros materiais (Figura 1).

A obra que trazida para iniciar nossas reflexões sobre os primeiros contatos com a arte, apresenta a ideia implícita de acumulação sucessiva de informação representada por um considerável número de livros antigos, organizados como uma montanha. Os livros mais recentes estão no topo e os envelhecidos mais próximos da base, como afirmou a artista na sinopse de abertura da sua exposição em 2012. A pressão causada pelo peso de toda a matéria acumulada, simbolizada pelos livros, geraria energia e calor, transformando a cultura acumulada em uma lava brilhante dentre os livros-rochas, uma espécie de “erupção” de uma “montanha” cultural. Este fluxo como um escoamento de conteúdos e saberes, aparece como o sumo; algo que se esparrama, ao mesmo tempo líquido e condensado e que pode vincular-se às noções de tempo, permanência, valor e poder do empilhamento e acumulação culturais.

O que jorrariam de experiências vividas com arte e cultura acumuladas pelos estudantes do Curso de Pedagogia? O que estaria na base de sua “montanha cultural”? Quais teriam sido seus primeiros encontros com a arte?

A ação de recordar os primeiros encontros com a arte evidenciou as histórias pessoais dos alunos que foram reveladas em seus desenhos, registros que relembram experiências estéticas e culturais vividas na infância. Histórias e experiências acumuladas assim como a cultura representada pelos livros de Sofia Leitão, escoando pelos registros dos alunos.

Os registros das memórias são ampliados no momento em que aquilo que foi visto e vivido passa a ser percebido, compreendido, problematizado e ressignificado. Uma luz na história de vida, incorporando o corpo, o contexto e a potência da ação vivida a ser ressignificada pelo olhar de quem a recorda e re-trata, e pelo olhar de quem a lê.

A ação de recordar junto aos estudantes de Pedagogia seus primeiros encontros com a arte faz parte da pesquisa de doutoramento de uma das autoras que tem como objetivo investigar a formação cultural/artística dos estudantes do curso de Pedagogia de universidade particular da cidade de São Paulo/Brasil, como alicerce para o exercício da docência, com olhar específico sobre as disciplinas que focalizam a arte e cultura no currículo da graduação. Podemos

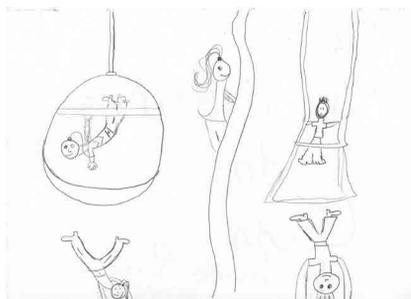
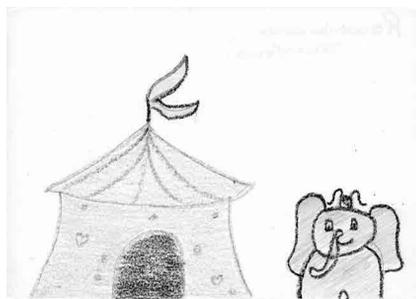


Figura 1 · Sofia Leitão, *Série: Matéria do Esquecimento*, 2012 (obra apresentada na exposição Portugal Portugueses– Arte Contemporânea em 2016 no Museu Afro Brasil), São Paulo/Brasil. Fonte: http://www.carolinepages.com/index.php/131744,?show_sw=1

Figura 2 · Desenhos dos estudantes de Pedagogia da UPM, *O circo como primeiro contato com a arte*, 2017 (lápiz grafite 6b e papel Canson A5), São Paulo/Brasil. Foto: fonte própria.

Figura 3 · Desenhos dos estudantes de Pedagogia da UPM, *O circo como primeiro contato com a arte*, 2017 (lápiz grafite 6b e papel Canson A5), São Paulo/Brasil. Foto: fonte própria.



Figura 4 - Desenhos dos estudantes de Pedagogia da UPM, *O teatro como o primeiro contato com a arte*, 2017 (lápis grafite 6b e papel Canson A5), São Paulo/Brasil. Foto: fonte própria.

Figura 5 - Desenhos dos estudantes de Pedagogia da UPM, *Movimentos, ritmo e melodias no primeiro contato com a arte*, 2017 (lápis grafite 6b e papel Canson A5), São Paulo/Brasil. Foto: fonte própria.

Figura 6 - Desenhos dos estudantes de Pedagogia da UPM, *Movimentos, ritmo e melodias no primeiro contato com a arte*, 2017 (lápis grafite 6b e papel Canson A5), São Paulo/Brasil. Foto: fonte própria.

considerar que levantar estas memórias dos estudantes seria como perceber a energia e calor de uma lava brilhante como sumo de conteúdos e saberes.

1. Recordar os primeiros contatos com a arte

Recordações das experiências vividas no primeiro contato com a arte e suas múltiplas linguagens são representadas pelos estudantes do curso de graduação em Pedagogia de Instituição de Ensino Superior da cidade de São Paulo/Brasil, por meio de desenhos complementados por seus títulos.

Nossa proposta é desvelar as memórias tornadas visíveis a partir da ação propositora de retratar o primeiro contato com a arte e suas múltiplas linguagens do qual o aluno se recorda e refletir sobre as possíveis marcas que os estudantes de Pedagogia trazem ao ingressarem na graduação, refletindo também sobre os primeiros mediadores que proporcionaram a “entrada” dos alunos no mundo da arte, contribuindo de alguma maneira com início e continuidade da formação cultural/artística desses estudantes.

Algumas questões nos impulsionam a pensar sobre os primeiros contatos com a arte retratados pelos estudantes de Pedagogia: *Nos registros dos alunos, o que trazem da formação cultural/artística em relação às experiências estéticas e culturais da infância? Quem seriam os primeiros mediadores no primeiro contato com a arte? Quais os espaços de arte e cultura que os estudantes de Pedagogia retratam nesses primeiros contatos com a arte?*

Para este levantamento foi criada uma ação propositora investigativa sobre as primeiras experiências estéticas pessoais vividas na infância, sobre o primeiro contato com a arte, realizada em 2017 com a turma do 3º semestre do curso de Pedagogia, formada predominantemente por alunas e apresentada nessa comunicação.

Conduzimos a experiência do instante de tomada de consciência de si, onde os alunos com olhos fechados, luzes da sala apagadas e apenas uma vela ao centro da sala acesa, escutaram o silêncio. Houve um estranhamento quando solicitamos um fósforo ou isqueiro: “Para que ela quer um isqueiro?” “O que ela vai fazer com um isqueiro?”. Questões verbalizadas que retrataram o espanto da classe. No momento em que apagamos as luzes da sala e propusemos às alunas que olhassem a chama da vela acesa ao centro e escutassem o silêncio, muitas estranharam o convite.

Ruídos, corpos agitados, dificuldade de permanecer em silêncio e controlar o corpo e os olhos que buscam incessantemente conectividades. Instantes que precederam o velar da chama. Aos poucos, já de olhos fechados, as alunas começaram a viagem por suas memórias e foi possível perceber suas expressões

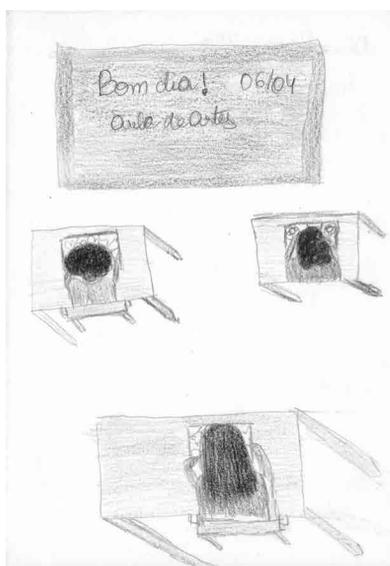
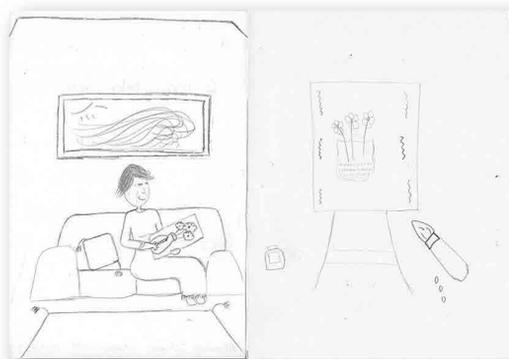


Figura 7 - Desenhos dos estudantes de Pedagogia da UPM, *Música, cinema e artes visuais como primeiro contato com a arte*, 2017 (lápis grafite 6b e papel Canson A5), São Paulo/Brasil. Foto: fonte própria.

Figura 8 - Desenhos dos estudantes de Pedagogia da UPM, *A escola propulsora do primeiro contato com a arte*, 2017 (lápis grafite 6b e papel Canson A5), São Paulo/Brasil. Foto: fonte própria.

Figura 9 - Desenhos dos estudantes de Pedagogia da UPM, *A escola propulsora do primeiro contato com a arte*, 2017 (lápis grafite 6b e papel Canson A5), São Paulo/Brasil. Foto: fonte própria.



Figura 10 · Desenhos dos estudantes de Pedagogia da UPM, *Ocasões, lugares e recursos como primeiro contato com a arte*, 2017 (lápiz grafite 6b e papel Canson A5), São Paulo/Brasil. Foto: fonte própria.

a cada recordação de momentos vividos, como um sorriso, um franzir de sobrancelhas, um inclinar da cabeça como se visualizassem algo bom. O convite à experiência, no início estranho e desconhecido, desvela emoções afloradas e registradas em experiências vividas.

Assim, os estudantes deixaram-se levar pelas recordações de infância trazidas ao momento presente, relembrando especialmente o primeiro contato com a arte, lembrança selecionada dentre tantas recordações.

Na continuidade de um silêncio interno pleno de vida, ao som da música *Palhaço*, de Egberto Gismonti (1980), que tem ao fundo vozes infantis e uma melodia que convida ao enlevo, os estudantes foram convidados a registrar em desenhos ou pequenos textos o primeiro contato com a arte. Lápiz grafite 6B, pouco comum a estes estudantes e uma folha A5 de papel *Canson* foram oferecidos como suporte para a ação expressiva.

Memórias recolhidas, emoções afloradas materializavam-se nas folhas entregues e no ruidoso contar da experiência vivida. Entre múltiplos e singulares primeiros contatos com a arte retratados por cada estudante a partir de suas memórias, apresentamos nesse trabalho algumas das produções realizadas, sobre as quais lançamos luz com o propósito de despertar nosso olhar sensível e expressivo para as reflexões em relação à formação cultural/artística dos estudantes de Pedagogia.

2. Registros dos primeiros contatos com a arte

Buscamos olhar as lembranças enquanto experiências estéticas vivenciadas, ampliadas e, talvez, ressignificadas durante o processo de formação cultural/artística dos estudantes de Pedagogia, como potências para o fazer docente sensível e criativo. Nesse exercício do olhar, recorreremos às reflexões de Dewey sobre a experiência estética intimamente ligada ao ato criador. Para o autor, a experiência estética é a forma mais elaborada de apreender o conhecimento, pois potencializa e unifica processos de inteligência. O estético, como aponta Dewey, unifica o desenvolvimento “esclarecido e intensificado de traços que pertencem a toda experiência normalmente completa” (Dewey, 2010: 125).

O material coletado poderia gerar vários agrupamentos. Um deles seria, por exemplo, a questão do desenho. Todos são respostas figurativas, retratando cenas com ou sem personagens. Desenhos lineares, com raras presenças de texturas ou volumes. A ordenação espacial é simplista, havendo raras exceções que mostrem um conhecimento de perspectiva ou de ilusões de profundidade. Talvez a produção não fosse diferente se os registros fossem de crianças, demonstrando como o desenho ficou parado na infância.

Buscar o desenho que ficou perdido na infância é um trabalho que exige coragem e humildade, É fazer uma viagem em busca do próprio designo. [...] Um olhar que olha para dentro e para fora. E deixar a mão correr, brincar, seguindo os olhos e o coração, deixando os pensamentos e sensações marcados no papel. Inscrevendo sua marca. Marcando sua presença. (Albano, 1984: 95)

A leitura dos desenhos também nos levou as temáticas recorrentes nos registros das memórias dos primeiros contatos com a arte retratados por cada aluno. Certamente o contexto cultural é visível e seria uma oportunidade ver como essas memórias viriam à tona na cultura portuguesa, por exemplo. Fica aqui o convite para professores de Pedagogia presentes nesta edição do Congresso Matéria Prima.

A vida cultural despertada pelos espetáculos, as produções nas diversas linguagens, a vida na escola e no contexto cultural, direcionaram a análise que se segue:

2.1. A imersão no espetáculo como espectador ou como produtor

Podemos ter experiências estéticas com relação a qualquer objeto ou acontecimento, independentemente de ser arte ou não, de ser belo ou não, de existir concretamente ou não. Qualquer coisa pode ser um objeto estético se estabelecemos ante ele uma atitude

estética. Podemos ter experiências estéticas ao entrar em jogo com uma música erudita, uma música popular, um som da natureza, um ruído urbano ou, mesmo, com o silêncio. Podemos ter experiências estéticas com uma pintura clássica, uma imagem sagrada, um desenho na parede de uma caverna, uma fotografia, um filme, um desenho na areia do chão, uma paisagem, uma cena urbana ou, mesmo, com uma imagem apenas imaginada ou sonhada. (Pereira, 2011: 5)

Em seu texto, o professor Marcos Villela Pereira da PUCRS/Brasil nos sinaliza a importância de vivenciarmos a experiência estética de maneira que seja estabelecida uma atitude estética com o que/aquilo que nos relacionamos. E esta atitude foi deflagrada pela experiência de ir ao circo, presente nas memórias de infância dos estudantes como o primeiro contato com a arte.

A lona do circo é um elemento constante nos registros produzidos, retratando o símbolo amplamente divulgado dessa manifestação cultural e artística. Diferentes tipos de lonas foram retratadas, mas todas remetem à ideia do circo e tudo o que ele possui e proporciona (Figura 2). Um elefante aparece, lembrando a presença de animais, hoje proibidos nos circos. As personagens do circo são retratadas em apenas um registro (Figura 3): acrobatas e seus tecidos e suportes suspensos com seus acrobatas. A percepção do movimento nos chama à atenção, como os acrobatas que saltam no chão, ou os que se balançam no arco ou nas barras paralelas. Movimento que também está presente no título desse registro atribuído pela estudante: “*Acrobacia da Vida*”.

Assim como o circo, o teatro está presente nas experiências estéticas vivenciadas na infância pelos estudantes de Pedagogia.

Experiências vividas como expectador ou como próprio ator na representação teatral (Figura 4). Elementos do teatro como a cortina do palco, as poltronas da plateia e o palco são representações frequentes nos registros, ressaltando esses elementos como marcas da linguagem teatral.

2.2. A imersão na produção e vivência das linguagens artísticas

Experiências também foram lembradas como produtores de arte, vivendo experiências significativas. Dentre elas, a dança foi muito citada, predominantemente o ballet, tendo apenas um registro de dança do ventre.

Nos registros (Figura 5 e Figura 6) observamos bailarinas com braços levantados, mãos unidas sobre a cabeça, pernas estendidas e suspensas, posições da dança que ganham movimento quando são acrescentados dois pequenos traços paralelos ao lado das figuras, como os símbolos presentes em histórias em quadrinhos.

Tudo na vida é movimento: o universo move seus sistemas, e cada sistema seus sóis, estrelas, planetas e satélites.

As estações se sucedem ritmicamente, assim como o dia segue a noite, e a lua ao sol.

A vegetação evolui em ciclos rítmicos, sobem e baixam as marés, o ser nasce, cresce, decresce e morre.

O homem é testemunha e participe de todo este movimento que o maravilha e expressa em danças seu assombro, sua necessidade de compreensão.

Tudo o que é já foi dançado, tudo o que foi já se dançou e, talvez, sem percebê-lo, tudo o que há de ser já o dançamos. (Ossona, 1988: 41)

Movimento. Mesmo com traços simplistas, é o movimento que marca o corpo em dança. Os traços também são traços poucos explorados, representações infantis como podemos observar nos braços e pernas de alguns registros que não possuem joelhos ou cotovelos. O movimento é o principal elemento da dança, como nos apontou Ossona (1988).

Outros registros das memórias trazem a questão das materialidades presentes e dos meios próprios das linguagens artísticas.

Suas lembranças nos apontam a vivência de diferentes linguagens da Arte, como o cinema, ao representar o filme *Dumbo* assistido na escola, ou um outro filme assistido em uma sala de cinema; e a música ampliada pelo uso das novas tecnologias e recursos digitais; as artes visuais representadas pelo ato de desenhar, tanto na cena onde a menina desenha um quadro de flores (Figura 7), como no quadro sobre o cavalete (Figura 8). Vasos com flores inspirados a partir dos *Girassóis* de Van Gogh, por exemplo, ou a cópia de quadros comercializados vendidos em feiras e lojas de departamento como decoração?

É preciso compreender a construção da linguagem como sistema simbólico, com seus códigos próprios inseridos nas singularidades das culturas em que estamos imersos e o cotidiano é atualizado e revivido nestas memórias, assim como a materialidade presente nas experiências retratadas.

2.3. A escola propulsora de arte e cultura

Observamos nos registros apresentados (Figura 6) a representação da escola. O espaço escolar aparece como lugar de “fazer arte”, retratado pelos pincéis, tintas e os desenhos infantis com a árvore, a flor e a nuvem, ou pela menina que produz um desenho em sua mesa, tendo atrás a exposição de muito outros.

A professora mantém-se em destaque em sua mesa, como transmissora de conhecimentos e como avaliadora, já que aparece no quadro verde o aviso de “Prova do traço” (Figura 8), em uma ação realizada na aula de arte e retratada como lembrança do primeiro contato com a arte; ou recebendo cordialmente os alunos com um “Bom dia!” também escrito no quadro verde (Figura 9). Não há

trabalho em grupo, mas cada aluno ocupa o seu lugar, tendo sobre as mesas os mesmos materiais. Os alunos são desenhados de costas, talvez a posição mais comum de olhar a classe como um observador e não como um participante. A lembrança é positiva para os estudantes da Pedagogia, mas podemos questionar que tipo de aula e de professor eles se habituaram a ver em suas histórias escolares.

Mesmo em um tempo em que a internet facilita a comunicação social global no dia a dia, a escola tem papel fundamental na divulgação e valorização de práticas culturais plurais, com criticidade para que se percebam também os valores impostos pela mídia.

2.4. Ocasões, lugares e recursos

Nos registros coletados, a Arte também é retratada como um recurso ou uma alternativa às práticas e vivências necessárias em diferentes contextos ou eventos curriculares e extracurriculares. Na Igreja ou no Carnaval há arte, assim como num livro (Figura 10) ou em uma Festa Junina.

Assim, as memórias levantaram múltiplos aspectos que evidenciam a vida cultural, as produções nas diversas linguagens, a vida na escola, mas também testemunham as faltas. Não há visitas em museus, não aparecem viagens de estudo, não são visíveis trabalho coletivos e nem mesmo o contato com a arte moderna ou a contemporânea, contudo, os desenhos infantis revelam momentos vivos e significativos para os estudantes como os primeiros contatos com a arte.

Percebemos que a escolarização do aluno pode propiciar o esquecimento, o abrandamento da imaginação durante o desenvolvimento das suas capacidades cognitivas e criativas, mas proposições adequadas e significativas podem despertá-las também. Arnheim (2005:132) descreve a imaginação artística como algo que se aproxima da invenção, uma nova forma ou conceito em substituição a um velho assunto, ou a um conteúdo passado.

Possibilitar ao estudante de Pedagogia, relembrar e vivenciar experiências nas linguagens artísticas, permitindo-lhe fruir, experimentar, contextualizar e refletir sobre a Arte é uma questão que nos inquieta e desafia.

Conclusão

Traços infantis são marcas nos registros dos estudantes, traços pouco estimulados, talvez, e por isso ainda registram o mundo de forma simplificada, figurativa. O desenho perdido na infância...

Como nos aponta Ostrower (1987), a compreensão da arte e da cultura precisam ser ampliadas e problematizadas, muito além das materialidades, pois as suas diferentes linguagens ampliam e desestruturam tudo aquilo que

condicionamos pensar e sentir como sendo Arte. Para isso há de se conectar e explorar o cotidiano!

Como professores e/ou educadores na área de arte e cultura trabalhamos a partir de nosso gosto e repertório das linguagens artísticas e dos elementos da cultura, bem como são fundamentados por conceitos e formas de ver os amplos territórios e elementos que envolvem a cultura, a arte, o ensino de arte, a educação e as suas múltiplas relações. Teoria e prática não são descoladas, ao contrário, alimentam-se continuamente. Assim, quanto mais aprofundado e variado o nosso repertório e compreensão da área, e quanto mais conscientes das concepções teóricas que nos norteiam, maiores são as possibilidades de convertê-los em matéria-prima para nossas propostas práticas. (Demarchi, 2014: 77)

Assim, pensando sobre o que nos aponta Rita Demarchi (2014), com as mudanças constantes e imediatas na sociedade contemporânea, percebe-se uma direta repercussão nos processos formativos dos profissionais da educação e a necessidade de refletir sobre o perfil do educador que exerce suas atividades profissionais em relação à arte, cultura e interdisciplinaridade. E seu papel enquanto mediador cultural, abrindo espaços para o contato e acesso aos bens culturais ampliados e expandidos de modo interdisciplinar.

[...]... a mediação hoje ganha um caráter rizomático, isto é, num sistema de inter-relações fecundas e complexas que se irradiam entre o objeto do conhecimento, o aprendiz, o professor/mediador/monitor, a cultura, a história, o artista, a instituição cultural, a escola, a manifestação artística, os modos de divulgação, as especificidades, os códigos, materialidades e suportes de cada linguagem artística... (Martins, 2002: 57)

Olhando para a escola como lugar aberto para o exercício de uma mediação rizomática, assim como nos aponta Mirian Celeste Martins (2002) espera-se que atividades ligadas à arte e à cultura, como música, dança, teatro, cinema, entre outras, sejam elementos constituintes e dinâmicos do processo educativo.

Relembrar a formação artística e estética dos estudantes de Pedagogia possibilita a todos os envolvidos nesse processo de aprendizagem, perceber a própria experiência e talvez romper com as barreiras da vida cotidiana, caracterizadas por um pensamento individualizado, egocêntrico. Permitir o fazer e o fruir artísticos, onde aquele que aprecia ou aquele que produz arte se coloca na perspectiva do outro, pode gerar reflexões, tanto para os estudantes como para seus professores.

Oferecer espaços de encontros com a arte na formação cultural/artística dos estudantes de Pedagogia como potências para o exercício da docência, pode despertar o fazer docente sensível, criativo, interdisciplinar, poético e

verdadeiro, impulsioná-los a outros encontros com a arte e, quiçá, a se tornarem também mediadores culturais em suas famílias e com seus alunos no futuro.

Referências

- Albano, Ana Angélica (1984). *O espaço do desenho: a educação do educador*. São Paulo: Loyola.
- Arnheim, Rudolf (2005) *Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Demarchi, Rita (2014) Experiências estéticas: aberturas e marcas, vivas e vividas. In: Martins, Mirian Celeste (Org.) *Pensar juntos mediação cultural: [entre]açando experiências e conceitos*. São Paulo: Terracota Editora.
- Dewey, John (2010) *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes.
- Martins, Mirian Celeste (2002) Aquecendo uma transformação: atitudes e valores no ensino de arte. In: Barbosa, Ana Mae. *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez.
- Ossona, Paulina (1988) *A Educação pela Dança*. São Paulo: Summus.
- Ostrower, Fayga (1987) Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Editora Vozes.
- Pereira, Marcos Villela. Contribuições para entender a Experiência Estética. *Revista Lusófona de Educação*, [S.l.], v. 18, n. 18, dec. 2011. ISSN 1646-401X [Consult. 2016-10-30] Disponível em URL: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/2566>